

CAMPANHA SALARIAL 2018



Ainda nesta edição

**Vitória dos trabalhadores
contra a Reforma da
Previdência.
A luta continua**

Página 02

**CS 2018: Oficina de
Planejamento dá o pontapé
inicial.
O momento é de luta!**

Página 03

**Dia Internacional da
Mulher: entrevista com a
1ª presidenta do Sinergia
Gasista**

Página 04

A luta continua

A vitória da classe trabalhadora contra a reforma da Previdência

Com a pressão dos trabalhadores, presidente do Congresso Nacional suspende a tramitação da proposta de emenda à Constituição. Mas o fantasma ainda ronda. O momento é de luta!

Fotos: Sinergia CUT



Foto: Roberto Parizotti/CUT



No dia 19 de fevereiro o presidente do Congresso Nacional, Eunício Oliveira, suspendeu a tramitação de todas as propostas de emenda à Constituição (PEC) enquanto vigorar o decreto de intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro, previsto até dezembro. A suspensão atinge mais de 190 propostas em andamento na Casa, entre elas a reforma da Previdência, que só pode ser feita por meio de uma PEC.

Para a direção da CUT, a decisão do presidente do Congresso é resultado da luta dos trabalhadores, que fizeram o enfrentamento, deixando claro que a proposta de Temer não é reforma e, sim, um desmonte da Previdência pública.

Recado dado

Nesse mesmo dia 19, o Sinergia CUT participou das manifestações, caminhadas, greves e atos ocorridos em todo o país convocados pela CUT e demais centrais para lutar contra essa reforma. Inclusive, assembleias nos locais de trabalho foram realizadas envolvendo, assim, toda a categoria nessa batalha.

Mas a comemoração é momentânea. "Quem está em guerra como nós estamos, tem de estar o tempo todo mobilizado para a luta", disse o presidente da CUT, Vagner Freitas.

Com Temer, País tem mais empregos precários e mal remunerados

Últimas da
CUT
BRASIL

Segundo o IBGE, o número de trabalhadores sem carteira aumentou 5,7% e o rendimento é 44% menor do que o dos trabalhadores que têm carteira assinada.

O Brasil está gerando mais empregos precários e mal remunerados, aponta Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgado no dia 23 de fevereiro pelo Instituto.

Em 2017, o número de trabalhadores e trabalhadoras sem carteira assinada, portanto, sem direito a férias e 13º salário, entre outros benefícios, aumentou 5,7% - o de trabalhadores formais caiu 2%.

Além de não terem direitos, os informais recebem, em média, 44% menos do que o trabalhador que tem carteira assinada.

Para o presidente da CUT, Vagner Freitas, esses dados mostram a incapacidade do golpista e ilegítimo Michel Temer de propor medidas para aquecer a economia do país e assim gerar emprego decente, e derrubam

o discurso de que a reforma Trabalhista contribuiria para criar milhões de empregos no Brasil.

"O fato é que ele legalizou o bico por meio de sua reforma e, com isso, criou o cenário ideal para empresários inescrupulosos explorarem uma mão de obra que se torna barata pela total falta de opção e desespero".

"O que gera emprego não é a retirada de direitos, não é flexibilização, é crescimento econômico. E a economia do Brasil só vai voltar de fato a crescer quando o governo aumentar os investimentos público e privado, e o povo voltar a consumir porque têm emprego e acreditam na política econômica", diz Vagner.

O dirigente diz, ainda, que é preciso aumentar o acesso ao crédito, o gasto público e os salários, não o contrário, como os golpistas parecem acreditar.

"Sem investimentos em máquinas, ciência, tecnologia e educação o país não voltará a crescer, muito menos gerar emprego decente e renda", afirma Vagner.

O coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo, confirma que a crise econômica contribuiu para a precarização do trabalho.

Segundo disse em entrevista a um portal de notícia da grande imprensa, só entre 2014 e 2017, o Brasil perdeu cerca de 3 milhões de postos de trabalho com carteira assinada e, "com isso, aumentou o número de trabalhadores contratados sem carteira assinada e por conta própria".

Rendimento dos trabalhadores com carteira e dos sem carteira

Segundo o IBGE, no 4º trimestre de 2017 a média de rendimento mensal do trabalhador com carteira assinada

no país era de R\$ 2.090.

Já o rendimento dos sem carteira assinada era de R\$ 1.179, uma diferença de R\$ 911.

Trabalho por conta própria tem renda 25% menor do que os formais

A pesquisa também mostrou que o trabalho por conta própria aumentou 4,8% e que o rendimento médio em 2017 foi de R\$ 1.567 - um pouco superior ao dos empregados sem carteira assinada, mas 25% menor que o dos trabalhadores formais.

Rendimento médio cresce 1,6% em 1 ano

O rendimento médio de todos os trabalhadores brasileiros, com e sem carteira assinada, cresceu 1,6%.

No caso dos trabalhadores com carteira assinada o aumento foi de, em média, 3,6% maior do que o recebido no ano anterior. Já o rendimento dos sem carteira caiu 1,8%, enquanto o do trabalhador por conta própria subiu 1,2%.



EXPEDIENTE

Publicação de responsabilidade do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas e do Sindicato dos Energéticos do Estado de São Paulo.
Sede: Rua Doutor Quirino, 1511 - Centro - Campinas, SP - CEP: 13015-082. Fones: Sinergia Campinas (19)3739-4600 / 0800-171611; Sinergia Gasista (11) 3313-5299; Sinergia Bauru (14) 3234-8445; Sinergia Sindergerl (13) 3422-1940; Sinergia Prudente (18) 3222-1986; Sinergia Araraquara (16) 3332-5577; Sinergia Mococa (19) 3656-5294; Sinergia São José do Rio Preto; e Macros: Bauru (14) 3234-8445; Ilha Solteira (18) 3742-2828; São Paulo (11) 5571-6175; Sertãozinho (16) 3942-1148; Rio Claro (19) 3524-3712; Votuporanga (17) 3421-2485; Colônia de Férias (13) 3494-2884.

Diretor de Comunicação: Paulo Robin

Redação, edição e diagramação: Débora Piloni (MTb 25172), Elias Aredes Jr. (MTb 26850), Lillian Parise (MTb 13522) e Nice Bulhões (MTb/MS 74).

Fotografia: Roberto Claro Ilustração: Ubiratan Dantas

E-mail: imprensa@sinergiaspcut.org.br Tiragem: 6.500 exemplares

SINERGIA
Sindicato dos Trabalhadores
Energéticos do Estado de São Paulo

Oficina da Campanha Salarial 2018

O MOMENTO É DE LUTA!

Este é o mote da CS 2018. E não poderia ser outro. O embate entre o capital e o trabalho é um processo de luta que exige organização, mobilização e capacidade de resistência o tempo todo. Portanto... à luta!

A história construída ao longo dos anos pela categoria energética não deixa dúvida: lutar sempre surte efeito. O resultado pode não vir no momento em que se espera e, às vezes, não é o ideal. Mas se não houver luta, o fracasso é certo. As vitórias são conquistadas através de união, nas mobilizações, na pressão e na resistência.

E, especificamente neste ano de 2018, o primeiro ano com a nova lei trabalhista em vigor, se não houver muita luta, as trágicas consequências da famigerada lei aprovada pelo governo ilegítimo de Temer, virão como uma bomba atômica sobre o trabalho e os trabalhadores.

Vale lembrar que, entre outras questões, a antirreforma Trabalhista "reformou" a legislação, permitindo a terceirização da atividade fim, liberando o contrato de pessoa jurídica (PJ) e o trabalho intermitente e legalizando a fraude e formas precárias de contratação. Além disso, a antirreforma dá garantia de que a negociação entre patrões e trabalhadores fique acima do que diz a lei (prevalência do negociado sobre o legislado).

O Sinergia CUT sempre foi um Sindicato forte e combativo e agora, mais do que nunca, contará com a união e a disposição de luta e de resistência de toda a categoria para garantir fechamento de bons acordos nas mesas de negociação, uma vez que as empresas vão querer endurecer e retirar direitos garantidos usando, como argumento, a nova lei trabalhista.

Outras lutas

Também não se pode deixar de lado a atual política de desestatização do governo ilegítimo de Michel Temer, que tem o objetivo de viabilizar a venda de seis distribuidoras de energia da Eletrobras. E, no estado de SP, o governador Geraldo Alckmin anunciou a retomada da entrega da Cesp, depois de uma manobra combinada com o presidente ilegítimo para atender às exigências do mercado e tornar a venda mais atrativa ao capital privado.

E outro detalhe: com luta e resistência, a classe trabalhadora conseguiu impedir a votação da Reforma da Previdência pela Câmara dos Deputados. Mas esse fantasma, que quer acabar com a aposentadoria, ainda não foi aniquilado de vez. Ele ainda assombra. Não se pode distrair um só momento.



Oficina da CS 2018

Com tudo isso em mente, o Sinergia CUT realiza nos dias 06 e 07 de março, a Oficina de Planejamento da Campanha Salarial 2018, na Colônia do Sindicato em Praia Grande.

Em debate estarão os cenários econômico nacional e do setor energético, o impacto da antirreforma trabalhista, a situação atual das empresas e dos acordos e a estratégia geral e de funcionamento da Campanha Salarial deste ano.

Para tanto, foram convidados a palestrantes especialistas e lideranças sindicais com acúmulo de conhecimento e experiência em tais temas.

E mais: profissionais da Área Jurídica do Sindicato vão destrinchar com os dirigentes, representantes sindicais e demais presentes as travas da antirreforma, as ações judiciais, a questão do sistema Mediador, entre outros pontos.

O momento é de luta!

Ou seja, durante a Oficina serão definidas as principais reivindicações dos trabalhadores e os eixos prioritários da campanha deste ano tendo em vista os tempos difíceis em que a classe trabalhadora está vivendo.

O governo ilegítimo e golpista a cada dia que passa castiga mais a população. A inflação oficial não reflete o dia a dia das bombas de gasolina, do gás de cozinha, dos alimentos, das tarifas de serviço.

Em meio a esse caos, é dever do Sindicato organizar os trabalhadores para lutar em defesa do emprego, da aposentadoria e dos direitos trabalhistas.

A Oficina envolve as negociações do Sindicato nos próximos dez meses para renovação do Acordo Coletivo com mais de 60 empresas.

O olhar macroeconômico e as especificidades de cada empresa resultam sempre nas pré-pautas de reivindicações a serem debatidas em assembleias. A partir daí, as reivindicações dos trabalhadores serão entregues às direções das empresas para iniciar de fato a Campanha Salarial 2018. Fique ligado! O momento é de luta!

CS 2018: essa é a sua voz!



O Sinergia CUT já está aplicando em toda a sua base no estado de São Paulo a Pesquisa da Campanha Salarial 2018. Esta tem sido, ao longo dos anos, uma ferramenta essencial para auxiliar o Sindicato na elaboração da estratégia e da organização das Campanhas Salariais da categoria.

Neste ano de 2018, a pesquisa será feita em duas etapas: neste primeiro momento, ocorrerá a coleta de expectativas dos trabalhadores que pautará a estratégia. Em um segundo momento, encerradas as negociações, a pesquisa será para a avaliação da Campanha.

Não fique de fora. Dê a sua opinião, que faz a diferença!

A luta na ESOL Construções... aqui ainda é CS 2017



Em evidente demonstração de unidade e disposição de luta em busca de um bom ACT, os trabalhadores da Energisa Soluções/Construções (ESOL) deram continuidade ao plano de lutas e implementaram a greve por tempo indeterminado em 19 de fevereiro. Vale lembrar que a data-base aqui é outubro e foram inúmeras tentativas de reabertura da mesa de negociação da Campanha Salarial 2017, sem sucesso. De lá para cá, mobilizações gradativas foram realizadas até o dissídio.

Audiência de Conciliação

Passados dois dias do início do movimento paredista, foi instaurado o dissídio de greve e os trabalhadores decidiram, então, suspender a greve e permanecer em estado de greve até a realização da primeira audiência de conciliação, em 28 de fevereiro, no

Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, em Campinas.

Na ocasião, o desembargador apresentou uma proposta às partes com reajuste de 2,63% nas cláusulas econômicas e o custeio do plano de saúde dos dependentes, reajustado em 10,18%, seria parcialmente assumido pela empresa de forma que somente 5,09% de reajuste impactasse ao trabalhador, entre outros pontos.

Conforme o desembargador, Sindicato e empresa deverão se reunir até a realização da próxima audiência, marcada para 14 de março, para compor uma nova proposta de negociação, levando em consideração a apresentada pelo próprio TRT e MPT.

Estado de greve continua

O estado de greve fica mantido até o resultado da próxima audiência.

08 de março: Dia Internacional da Mulher

A primeira mulher a presidir o Sinergia Gasista

“Deise é meu nome, sobrenome Capelozza”, poema retrata quem é essa mulher que ocupa ainda a vice-presidência do Sinergia CUT

“Dei-me ao luxo de pensar um mundo melhor para minha gente valiosa/Deitei-me na relva suave do verde da minha bandeira vaidosa/FENOMENAL/Deixei-me sonhar no azul do céu onde passa um avião cor-de-rosa/Dei-me à luta incansável pelos meus companheiros em verso e prosa/Deitei-me no asfalto quente combatendo tanta mente ardilosa/E NO FINAL/Deixei-me carregar pelo turbilhão de gente guerreira maravilhosa/Dei as costas às pessoas vis e suas manhas e convicções assombrosas/Deitei meu braço forte na cara de pessoas sórdidas cabulosas/DESCOMUNAL/Deixei de lado a utopia e parti para o exercício da prática nervosa/MEU BATOM É VERMELHO/MINHA PAIXÃO É VERMELHA/MEU CORAÇÃO É VERMELHO/Dei-me ao canto lustrando nota por nota sempre caprichosa/Deitei-me ao lado da arte, do cinema, do teatro e da bossa/Deixei-me invadir por sons, acordes, compassos, da vida melodiosa”

Luis Ge - 18/11/2017

Foto: Roberto Claro

Aos 58 anos, completados em 28 de janeiro passado, Deise Aparecida Capelozza é a primeira mulher a ser eleita para presidir um sindicato do setor de energia de São Paulo. Em uma esfera predominante masculina, Deise estará à frente do Sindicato dos Trabalhadores da Produção, Transporte, Instalação e Distribuição de Gás Canalizado do Estado de São Paulo (Sinergia Gasista), que luta para garantir e ampliar os direitos trabalhistas dos cerca de 2000 ativos e aposentados gasistas e que está integrado ao projeto Sinergia CUT.

Neste 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, a vitória de Deise tem um significado de empoderamento feminino e equidade de gênero. Sua ascensão é acompanhada de um momento político-econômico hostil diante das reformas trabalhista e da previdência, sendo esta última adiada pelo governo ilegítimo de Michel Temer (MDB) por conta da pressão popular.

E quais as expectativas dessa mulher, com 24 anos de profissão, ocupando hoje o cargo técnico suplimentos III da Comgás, diante desse cenário? Ex-diretora de Políticas Sociais do Sinergia Gasista na gestão anterior e atual vice-presidente do Sinergia CUT, qual será o seu foco para a Campanha Salarial 2018?

De onde essa sindicalista, que em 20 de fevereiro deste ano conseguiu um feito histórico ao ser eleita, com 98% dos votos válidos, a primeira mulher presidente da entidade sindical para a gestão 2018-2021, tira forças? Ela assumirá o cargo em abril próximo, quando será repassado por Sidney Batista da Rocha, que foi por seis anos presidente da entidade.

Sindicalista, mãe, militante política, organizadora do Sarau da Maria e cantora. Uma mulher multifacetada, que gosta de cantar desde a infância durante os encontros de família. Não é à toa que uma de suas frases preferidas é de Paulo Freire: “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo, por isso aprendemos sempre.” Nessa jornada de aprendizagem,

Deise conquista a todos com o seu sorriso. Prova disso que ganhou do artista Luis Ge o poema “Deise é meu nome, sobrenome Capelozza” (leia acima). Confira abaixo a entrevista feita com a eleita presidenta do Sinergia Gasista.

Quem é a Deise?

Mãe, militante e cantora nas horas vagas. Desde os meus 15 anos, milito politicamente e tenho um envolvimento de muito amor com a arte, em especial com a música e o teatro. Sou uma típica aquariana que não abandona o sonho de um mundo melhor, mais justo e igualitário. Nada de excessos e sim que todos tenham o necessário para seu bem-estar e possam ser felizes no seu dia a dia.

Como é ser mulher e atuar no setor gasista?

É ter consciência de que se está num ambiente majoritariamente masculino, necessitar provar dia a dia que se tem capacidade, ao mesmo tempo sabendo que ninguém (homens e mulheres) detém todo o saber, e que estamos sempre aprendendo. E ainda que precisamos das qualidades de cada um para realizar um bom trabalho.

Ser mulher a diferenciou ou a auxiliou no trabalho?

Penso que sempre auxilia, apesar do preconceito que sofremos em especial num ambiente bastante masculino como é o setor de energia e o próprio ambiente sindical. Tenho o respeito de grande parte dos companheiros da direção do Sinergia Gasista, mas vivi situações em que o machismo se impôs e isso é bastante desagradável. Daí, o que acontece é que nós mulheres acabamos por ter ações e reações tão machistas quanto às dos homens. Faz parte do aprendizado e o ambiente sindical nesse aspecto nos ensina muito, pois nós mulheres estamos conseguindo aos poucos, mudar essa realidade machista em nós e nos outros. A mulher enxerga as situações e atua de modo diferente do homem em tudo. No ambiente sindical, discutimos e fazemos política de forma bem diferente deles.... somos mais

unidas, colocamos carinho naquilo que fazemos e justamente por isso, eles dizem que não sabemos fazer política. Mas, entendo que nos complementamos. Os homens precisam entender e aceitar que esse é um caminho natural em todos os espaços.

Como você avalia hoje o cenário sindical diante das reformas trabalhista e previdenciária?

Temos visto, já há algum tempo, um distanciamento por parte dos trabalhadores e trabalhadoras das entidades sindicais devido à individualidade que se tem difundido na sociedade atual. Temos uma avaliação de que com as (de)formas trabalhista e previdenciária isso poderá se acentuar. Contudo, todos sabemos que somente com as crises, através de situações limites, o ser humano cresce e enxerga a necessidade de estar ao lado de outros que encontram-se na mesma situação difícil que ele. Só assim, ele passa a compreender o significado da frase “unidos somos mais fortes”. O sindicalismo terá que rever sua atuação; é fato. Ao mesmo tempo, o trabalhador deverá adquirir outra postura e consciência diante daqueles sindicatos que verdadeiramente lutam pelos direitos da classe trabalhadora.

Qual será o foco de atuação de sua gestão?

Desde o início da formação da chapa para concorrer às eleições sindicais deste ano, discutimos a necessidade de fazer uma gestão de transição onde pudéssemos interagir mais e melhor entre os dirigentes mais experientes e aqueles que estão chegando e são jovens. Penso que o objetivo maior será o de preparar os novos dirigentes para a tarefa de levar adiante, no mínimo, por uma década, a luta dos trabalhadores e trabalhadoras gasistas, através de suas ferramentas de classe mais próximas, ou seja, o próprio Sinergia Gasista, a Associação dos Aposentados e o Sinergia CUT. E, claro que diante dessa conjuntura extremamente adversa aos trabalhadores/as nossa gestão focará nos desafios que teremos diante das mudanças

na relação de trabalho que virão com a (de)forma trabalhista, em especial.

Para você, o Dia da Mulher tem algo a se comemorar?

Temos muito a comemorar e ainda muito a lutar. Nas últimas décadas, as mulheres avançaram em suas conquistas. Basta lembrarmos da Lei Maria da Penha, da extensão da licença maternidade para seis meses, da extensão da licença paternidade de 20 dias e do aumento significativo das mulheres nas instâncias de poder em vários segmentos. São conquistas importantes que impactaram significativamente a vida de todas as mulheres trabalhadoras em todos os níveis. Entretanto, sabemos o quanto perdemos com o golpe parlamentar, judiciário, midiático e misógino de 2016, como exemplo, a extinção da Secretaria de Políticas para Mulheres na esfera federal criada nos governos anteriores e em alguns municípios e/ou estados da federação. Essas secretarias eram responsáveis por pensar e criar políticas para as mulheres no âmbito do país, estados ou municípios. Políticas feitas por mulheres e para as mulheres, mas infelizmente perdemos tudo isso. Como consequência já vemos o aumento da violência contra as mulheres, a diminuição ou não aprimoramento de espaços de acolhimentos para essas mulheres que sofreram violência. Com a PEC que corta os gastos públicos, veremos piorar ainda mais as áreas da educação e saúde públicas no país. Quem serão os mais afetados? As mulheres, pois, na maioria das famílias brasileiras, sabemos que são elas e somente elas quem acompanham e cuidam da educação e saúde dos filhos e são as cuidadoras dos idosos. Portanto, justamente por saber que já conquistamos muito, temos que estar nas ruas e não permitir que mais retrocessos atinjam nossa família, nossos filhos e netos. Neste ano de 2018, faremos um 08 de Março não apenas para defender o direito das mulheres, mas principalmente da democracia no país. Estão todos convidados!